

31 - O JOGO E A BRINCADEIRA QUE INCLUI: NARRATIVA DE APRENDIZAGEMMÁRIO GOMES DA SILVA
MESAQUE SILVA CORREIAUniversidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina – Piauí – Brasil
mariogtap@hotmail.com

doi:10.16887/90.a1.31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta as narrativas de aprendizagens vivenciadas por um discente no decorrer da disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física, do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

No decorrer da disciplina, por inúmeras vezes nos foi ensinado o quanto o jogo possui um papel de fundamental importância no desenvolvimento da criança. De forma teórica e prática, vivenciamos diversas maneiras de transformação didática do jogo. Assim, pode-se afirmar que o referido componente curricular nos ofertou um carrossel de possibilidades de uso do jogo e da brincadeira como conteúdo da Educação Física na escola.

Em seu decorrer viu que a inclusão começou a ser um processo perceptível a partir de 1980 nos países desenvolvidos. Em escala nacional, somente a partir da sétima Constituição da República (1988) que o número de pesquisas e estudos nessa área começaram a ampliar-se (AGUIAR; DUARTE, 2005).

Segundo Sasaki (1999), a inclusão e a capacidade de se ver no outro, de aceitação, de compartilhar experiências com vários tipos de pessoas. Existem diversos tipos de discriminações, mas a inclusão é uma só, pois, por meio de uma visão inclusiva, todas as pessoas são acolhidas, sem qualquer exceção. O intuito da inclusão é, portanto, trazer todos para a sociedade, a qual devesse adequar-se e se adaptar aos particulares de todos em todas as áreas sociais.

Para que possamos tornar a aula de Educação Física Escolar não-exclusiva, devemos utilizar de estratégias para desenvolver atividades físicas que possam contemplar todos os alunos, independente de suas capacidades físicas, habilidades motoras ou quaisquer outras diferenças que tragam algum tipo de dificuldade para a participação desses alunos em atividades que tenham como foco o desempenho e a competição como objetivos principais. Os jogos e as brincadeiras possibilitam contemplar todos os alunos, são utilizados há tempos para socializar e aproximar pessoas pertencentes a diferentes grupos.

Diante de relatos existentes Kishimoto (2003), relata que na Grécia antiga e em Roma já havia o uso de atividades lúdicas como jogos educativos para que as crianças tivessem maior desempenho diante das atividades sugeridas a elas. E no século XIX o ensino de línguas é enfatizado pelo desenvolvimento comercial e pela ampliação dos meios de comunicação e aparecem, assim, os jogos para o ensino de línguas vivas de forma lúdica.

Kishimoto (2002), fala da importância do jogo e da brincadeira na educação, na antiguidade já se destacava, os filósofos como Platão e Aristóteles, e posteriormente Quintiliano, Montaigne e Rousseau, que já defendiam essa prática de ensino, em sua época, pois o papel do jogo e da brincadeira na educação é de extrema relevância. Destacou-se também como grande defensor das atividades lúdicas São Tomás de Aquino, que, no século XIII, defendia o brincar como necessário para o desenvolvimento humano. No entanto a autora ressalva que Fröbel (1913), que fora o precursor da escola infantil, ou seja, por ser o criador do jardim da infância, com ele o lúdico passou a fazer parte do currículo de educação infantil. E a partir da década de cinquenta do século XX, começou a surgir vários estudos sobre o jogo e brincadeira como ferramenta auxiliadora da aprendizagem.

Assim realizamos um trabalho prático/teórico da disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física, que tinha a Abordagem sistêmica como diretriz para elaboração de uma aula que teve como foco principal a inclusão e a diversidade, através da realização de um jogo e uma brincadeira para que todos os alunos participassem das atividades.

Desta forma, o objetivo do estudo, é apresentar as narrativas de aprendizagens de um acadêmico do curso de Educação Física no contexto da disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física.

O JOGO E A BRINCADEIRA

Encontra-se amplamente declarada na literatura científica de diversas áreas de conhecimento que o jogo e a brincadeira enquanto manifestação cultural desenvolvem importantes papéis no desenvolvimento do ser humano. Estudos desenvolvidos por sociólogos, antropólogos, psicólogos e pedagogos, são incisivos na afirmação de que a infância é uma etapa da vida que por manter fortes laços familiares e ao mesmo tempo ser um período de rompimento desses laços por conta do início da vida escolar, deixa nos sujeitos marcas, histórias, pessoas e lugares envoltos fantasias, sentimentos saudosos e nostálgicos (ESTÁCIO, 2011).

Para autores como Coletivo de Autores (1992); Negrine (1995); Brotto (2002), no momento em que tomamos como objeto de estudo a criança ou a infância é impossível não a problematizar a partir da relação que a mesma mantém como o jogo. Na perspectiva de Negrine (1995), tanto o jogo quanto a brincadeira podem ser considerados como uma das mais importantes atividades realizadas pelas crianças, em virtude de sua natureza educativa e lúdica.

Para Coletivo de Autores (1992), Os jogos e a brincadeira quando presentes na vida das crianças favorecem seu desenvolvimento em distintos aspectos – físico, mental, afetivo e o social. Isto porque, o jogo satisfaz as necessidades das crianças, em especial aquelas associadas ao se movimentar.

Para Brotto (2002) o jogo é uma atividade espontânea que deve ser realizada tanto com limite de tempo como de espaço. Para o autor, no momento do jogo os participantes devem acordar as regras, que devem ser internalizadas, porém acompanhadas de um sentimento de tensão e alegria.

Nas esteiras dos estudos psicológicos, encontramos que para Piaget (1994) conforme a criança vai interagindo com as demais crianças por meio do jogo, vai desenvolver sua imaginação simbólica que tem o poder de adaptar-se de acordo com as necessidades da realidade. É importante frisar, que para Piaget (1994) no momento em que a interação ocorre o símbolo de assimilação individual dá espaço às regras coletivas. Isto significa que o jogo possibilita com que a criança abstraia do coletivo, regras e valores, para que em um dado momento possa reutilizar essas apreensões. É por essas razões, que para Piaget (1994)

as atividades lúdicas encontram-se diretamente ligadas ao desenvolvimento da inteligência da criança, uma vez que estão associadas aos estágios de desenvolvimento cognitivo.

É importante frisar que a literatura piagetiana classifica os jogos em dois grupos: os de exercício, e os de simbólicos e de regras. Os jogos de exercícios são aqueles de natureza sensório-motores, em que a criança consegue manipulá-los em situações concretas. Já os simbólicos são aqueles em que a criança necessita fazer uso da imaginação em virtude da ausência física do objeto. Portanto, nos jogos de exercício não há necessidade de pensamento nem estrutura representativa especialmente lúdica, diferentemente do jogo simbólico que requer a representação simbólica de um objeto ausente.

Exatamente por isso, é de suma importância que momento de sua dinamização, se tenha um amplo repertório de conteúdo dos jogos, e que os jogos selecionados sejam coerentes com a realidade do meio físico e social da criança.

Vygotski (1989) reservou em seus escritos um importante espaço para contextualização sobre a importância do jogo para o desenvolvimento da criança. Em seus escritos encontramos a palavra jogo diretamente associada à palavra brincadeira. Para o autor, o jogo desenvolve um papel de suma importância no desenvolvimento social da criança, para ele, as crianças embutem no jogo todas as suas experiências diárias advinda dos diferentes espaços sociais que transitam e papéis sociais que observam em seu cotidiano, como por exemplo: o ser pai, ser mãe, o policial da rua, a casinha idealizada, o herói preferido. Nesses casos, não se trata do poder unicamente da criação, mas também da reprodução.

Para Vygotski (1989) o jogo possibilita o desenvolvimento da criança quando mantém relação direta com tudo aquilo que a interessa. Ou seja, quando traduz a sua realidade, já que para ele, na vida real a ação domina o significado, no qual há uma transferência do comportamento do jogo para a vida real.

Afirma o autor que no jogo a criança tem a possibilidade de criar uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo com que esteja acima de sua idade cronológica, já que o jogo contém tendências evolutivas que são consideradas fonte de desenvolvimento. Para Vygotski (1989) a zona de desenvolvimento proximal, encontra-se relacionada às funções, que ainda encontra-se em processo de amadurecimento. Afirma ele, que é a zona de desenvolvimento proximal é que vai determinar o nível real de desenvolvimento em que a criança se encontra.

É preciso observar que para Vygotski (1989) a criança se desenvolve por intermédio de atividades lúdicas. Por esse motivo, imaginário e real devem caminhar lado a lado, pois, o jogo imaginário é a tradução mais próxima que a criança possui do real.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referido estudo se caracteriza em uma pesquisa qualitativa do tipo narrativa das aprendizagens vividas. Atualmente no contexto acadêmico, as narrativas vem se constituindo em arcabouço teórico e metodológico que abre possibilidades para fazer emergir conhecimentos elaborados por professores em realidades educativas que são diversas e situadas (FREITAS; FIORENTINI, 2007). Narrar às próprias experiências vividas no processo de formação docente vem se constituindo como um caminho para valorizar o reconhecimento de si ao mesmo tempo em que se valorizar o outro. Narrar a si mesmo é uma tarefa complexa (CLANDININ; CONNELLY, 2000).

NARRATIVAS DAS APRENDIZAGENS

Me chamo Mário Gomes da Silva, sou acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Piauí – UFPI, encontro-me atualmente no 4º período, dentre as disciplinas que estou matriculado e frequentando estar a Disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física, ministrada pelo Professor Dr. Mesaque Silva Correia.

A disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física tem como objetivo primeiro abordar as características Biopsico e físicos sociais nos diferentes níveis de ensino da Educação Básica, dando subsídios práticos e fundamentos metodológicos para o desenvolvimento do ensino da cultura corporal na escola.

Tomando como base tais objetivos, no decorrer da disciplina dialogamos e problematizamos o papel da Educação Física no solo da escola enquanto componente curricular obrigatório que encontra-se inserido no Projeto Pedagógico da Escola e deve contribuir da o desenvolvimento físico, social, afetivo e cognitivo do aluno. Problematicamos ainda as diversas funções que o currículo da Educação Física no seio da sociedade, currículo que em algumas vezes esteve para contribuir para formação de sujeitos fortes e saudáveis que pudessem contribuir para o progresso econômico e político do país e em outros para contrapor a mecanização de corpos e padronização de movimentos.

Assim sendo, no primeiro momento da disciplina abordamos de forma teórica e prática as abordagens pedagógicas de ensino da Educação Física pautado nos estudos de (DAÓLIO, 1995; COLETIVO DE AUTORES; 1999; DARIDO, 2003; FREIRE, 2009; CAMPOS 2012; TANI, KOKUBUN, 2014). Após a realização das aulas teóricas e prática o professor responsável pela disciplina indicou três alunos para planejamento e dinamização de três aulas no encontro seguinte.

No momento da indicação o professor me entregou a seguinte situação problema:

Luciana Maria de Paulo considera o binômio – corpo e movimento como meio e fim da Educação Física Escolar. Ao trabalhar o conteúdo “Jogo” e as brincadeiras populares tem a intenção de integrar o aluno no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física. Para ele, não basta aprender as habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas que, evidentemente são necessárias ao nível satisfatório para que o indivíduo possa usufruir dos padrões e valores que a cultura corporal de movimento oferece. Toma como eixo norteador de suas aulas os princípios da não-exclusão e da diversidade.

Assim sendo, tomando como base a descrição acima, planeje uma aula de cunho teórico-prático usando a mesma Abordagem Pedagógica adotada pela professora Luciana Maria de Paulo em sua aula (ATIVIDADE INDICADA PELO PROFESSOR, 2019).

Conforme foi determinado na atividade, iniciamos o processo de planejamento das aulas, para que pudessemos esclarecer algumas dúvidas e discutirmos questões inerentes à realização do trabalho proposto pelo professor Mesaque, criamos dois grupos em um aplicativo de celular, um era composto pelos três alunos responsáveis pela elaboração das aulas e o outro grupo os alunos e o professor da disciplina. Ressalto que a criação desses grupos no aplicativo de celular foi de fundamental importância para a confecção dos trabalhos, pois através deles podemos esclarecer muitas dúvidas existentes, traçar estratégias para elaboração das aulas, trocar informações, repassar materiais didáticos, além de podermos debater sobre o andamento das atividades, bem como conversarmos sobre a ansiedade e expectativa que estávamos com a realização da elaboração do plano de Aula e execução prática das aulas.

O planejamento iniciou com a identificação da Abordagem Pedagógica utilizada na aula da professora citada no texto, através das palavras-chaves pesquisei em alguns estudos que tratavam das Abordagens Pedagógicas utilizadas nas

aulas de Educação Física Escolar, seus princípios pedagógicos e metodológicos, dentre estes estudos Darido, (2003); Tani, Kokubun, (2014). Entretanto, o texto que mais se aproximava das descrições da aula apresentada na atividade proposta foi caracterizada nos estudos de Betii, (1991).

Após identificação da abordagem que eu deveria adotar escolhi como tema da minha aula “O JOGO E A BRINCADEIRA COMO INSTRUMENTO PARA INCLUSÃO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”, considerando o binômio corpo e movimento como meio e fim da educação física escolar. Segundo Betti (1991), a finalidade da Educação Física Escolar é integrar e introduzir o aluno de 1º e 2º graus no mundo da cultura física, formando um cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais de atividade física (jogo, esporte, dança, ginástica...). Após tomar conhecimento de todo referencial teórico e elaborar meu plano de aula, apresentei para o professor da disciplina, o mesmo me devolveu e me fez algumas sugestões que visavam aprimorar meu trabalho. Tais como: Qual o aporte teórico de sua aula? O que haverá por trás do jogo e da brincadeira? Qual tipo de professor requer a Abordagem Sistêmica? O que você precisa ter, saber e ser para desenvolver uma aula sistêmica?

Assim sendo, minha aula foi planejada da seguinte maneira, no primeiro Momento – organizei os alunos em círculo, em seguida iniciei a aula questionando os alunos sobre o que os mesmos sabem e esperam da Abordagem sistêmica, o que os mesmos entendiam como conceito de inclusão, alguns alunos falaram sobre o que entendiam por inclusão, sendo seus conceitos compatíveis com o que eu havia encontrado no artigo de Lara, Belchior e Pinto (2017) que disponibilizei para os alunos, alguns dias antes da realização da aula.

No segundo Momento – os alunos participaram das duas dinâmicas que elaborei. A primeira dinâmica uma brincadeira chamada de “Corda centopeia”, onde a turma foi dividida em duas equipes, as quais continham meninos e meninas em quantidade proporcionais. Durante a atividade fui questionado por alguns alunos sobre o que a atividade tinha a ver com a referida abordagem, daí respondi que um dos princípios da abordagem é a “diversidade” e que o mesmo diz que devemos contemplar todos os aspectos referentes às práticas corporais e formas de aprendizagem, utilizando como foi dito o binômio corpo e movimento.

A segunda atividade consistiu num jogo adaptado com fundamentos do handebol e futsal, as equipes compostas com meninas e meninos, utilizei o espaço da quadra de futsal, repassei aos alunos as regras do jogo. No decorrer do jogo alguns alunos não obedeceram às regras repassadas e causaram alguns conflitos por essas atitudes, parei o jogo em alguns momentos e tentei explicar novamente o objetivo da atividade, mesmo assim alguns alunos continuaram e desvirtuar o objetivo principal do jogo.

No terceiro Momento – esse momento que foi utilizado como processo avaliativo, os alunos fizeram questionamento sobre a atividade realizada, observações e opiniões sobre a aula, a primeira aluna a falar foi Maria Eduarda, a mesma disse que não tinha gostado do começo da aula, pois achou que falei muito e que aula devia ser mais focada na prática, então disse a ela que os alunos estão acostumados às aulas de Educação Física Escolar realizadas de maneira robotizada, onde os alunos somente executam determinados movimentos, sem saber pelo menos por que estão fazendo tal atividade e tentei repassar a mensagem da necessidade do professor ter o embasamento teórico e que os alunos precisam saber a finalidade das atividades a eles propostas. Em seguida a aluna Larisse fez uso da palavra falando que na segunda atividade, o jogo adaptado, a mesma se sentiu excluída, pois somente os meninos participaram de maneira efetiva da partida, segundo ela as meninas quase não tocavam na bola e que no jogo houve muito contato físico, respondi a mesma como é difícil tentar mudar a cultura de priorização da força física e do rendimento nas aulas de Educação Física Escolar, que apesar das adaptações e da priorização da participação de todos nas aulas, alguns alunos de maneira inconsciente continuavam a praticar atitudes que causavam a exclusão dos mais fracos fisicamente e portadores de necessidades especiais, quanto é difícil lutar contra comportamentos que já fazem parte da cultura social.

Após todos os alunos falarem, o professor da disciplina fez seus comentários sobre a aula, o mesmo falou que colocou dois alunos, William e Caio, como fatores estressantes para o professor, que os mesmos estavam encarregados de tentar desconcentrar e tumultuar a realização da aula para ver como iria me comportar, pois sempre os mesmos estavam a agir contra as orientações que foram repassadas.

Durante todo o processo de elaboração, planejamento e execução da aula, percebi a dificuldade que o professor tem para trazer conteúdos relevantes para suas aulas, quanto é difícil manter a atenção dos alunos, que são muitas as dificuldades que o professor enfrenta no seu dia-dia, desde a falta de material para realização da aula, bem como as dificuldades inerentes ao tema da inclusão nas aulas de Educação Física Escolar, pois como já foi mencionado acima, a cultura da priorização do desempenho e do favorecimento dos indivíduos mais fortes encontram-se ainda muito presente no cotidiano escolar. No entanto, tivemos a satisfação de sentir o quanto é gratificante ver seus objetivos alcançados, mesmo que parcialmente, quanto o professor pode contribuir na formação integral de seus alunos, como podemos trabalhar para difundir novos conceitos que priorizem a inclusão não somente na escola, mas em toda sociedade. Finalizando este relato, só temos a agradecer a oportunidade que nos foi dada e que esta experiência foi de fundamental importância para o processo de formação dos futuros professores da disciplina de Educação Física Escolar.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS APRENDIZAGENS

As narrativas de aprendizagens analisadas neste estudo relacionam-se a processos de formação docente que anunciam novas trajetórias, para compreender tanto o ato de formar-se professor, quanto, as práticas educativas e os saberes delas originados. Pelas narrativas aqui apresentadas, podemos observar que os aspectos que envolvem as relações com os saberes que configuram a docência na sociedade atual, ao mesmo tempo em que problematizam as características da formação de professores, colocam o desafio de estruturação de processos educativos que considerem os acadêmicos em formação como protagonistas das ações educativas e a universidade como laboratório de aprendizagens. Aprendizagens que tomam os “erros” como base para os acertos e o diálogo como via de socialização dos conhecimentos historicamente construídos.

Enquanto acadêmico em processo de formação, estou ciente de que o ato de forma-se em professor exige processos educativos que coloquem o acadêmico como protagonista do processo, como sujeito responsável por sua formação. Estou ciente ainda, que o tornar-se protagonista do processo de formação contribui para diminuir a distância entre o que se houve e se realiza, ou seja, a distância entre teoria e prática.

Com base nas experiências vividas, considero que o processo de forma-se professor se constitui em uma trajetória inacabada, que exige aprimoramento constante. Que o jogo e a brincadeira quando utilizados de forma pedagógica podem se constituir em instrumentos para inclusão de alunos nas aulas de Educação Física.

Finalizo minhas ponderações cientes de que a “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre

a prática". (FREIRE, 1991, p. 58). Espero que as "portas e janelas" a mim abertas no processo de formação possam ser apreciadas e revisitadas em diferentes olhares.

REFERÊNCIAS:

- AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação Inclusiva: um estudo na área de educação física. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 02, p. 233-240, maio/ago. 2005. doi: 10.1590/S1413-65382005000200005.
- BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: Um exercício de convivência. São Paulo: SESC, 2002.
- CAMPOS, L. A. S. Didática da Educação Física. Várzea Paulista, São Paulo: Fontoura, 2016.
- CLAUDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative inquiry: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, J. Da cultura do corpo. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- DARIDO, S. C. Educação Física na Escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- ESTÁCIO, M. M. S. Um olhar sociológico sobre a criança e o brincar. Natal, RN: EDUFRN, 2011.
- FREIRE, J. B. EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 2009.
- FREIRE, P. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 1991.
- KISHIMOTO. Tizuko Morchida. Jogos tradicionais infantis; O jogo a criança e a educação. Petrópolis. Rio De Janeiro: Vozes, 1993.
- KOKUBUN, P. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- LARA, F. M.; GARCIA, C. C.; PINTO, C. A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente. *Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 15, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2017.
- NEGRINE, A. Concepção o jogo em Vygotski: uma perspectiva psicopedagógica. *Rev. Movimento*, n. 02, ano 02, 1995.
- PIAGET, J. O juízo moral da criança. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Samus, 1994.
- SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- SILVA, Ana Patrícia; SOUSA, Fabiana R. S.; SANTOS, Júlio Maia F. S. Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar. Rio de Janeiro.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ABSTRACT:

This text aims to present the learning narratives of a student of the Physical Education course in the context of the discipline of Methodology of Physical Education Teaching, which made use of the game and play for inclusion of students in Physical Education classes. Therefore, the theoretical and methodological assumption is the narratives of the lived learning. Thus, the experiences are narrated with the intention of elucidating the process of teacher education that made the academic protagonist of his own learning. Based on the lived experiences, it is considered that the process of becoming a teacher is an unfinished path that requires constant improvement. That the game and play when used in a pedagogical way can be instruments for inclusion of students in Physical Education classes.

KEY WORDS: Game, Play, Inclusion, Physical Education.

SOMMAIRE:

Ce texte a pour objectif de présenter les récits d'apprentissage d'un étudiant du cours d'éducation physique dans le contexte de la discipline de la méthodologie de l'enseignement de l'éducation physique, qui utilisait le jeu et permettait aux élèves d'être inclus dans les cours d'éducation physique. Par conséquent, l'hypothèse théorique et méthodologique est la narration de l'apprentissage vécu. Ainsi, les expériences sont racontées dans l'intention d'élucider le processus de formation des enseignants qui a incarné le protagoniste universitaire de son propre apprentissage. Sur la base des expériences vécues, il est considéré que le processus pour devenir enseignant est un chemin inachevé qui nécessite une amélioration constante. Que le jeu et le jeu utilisés de manière pédagogique puissent être des instruments permettant d'inclure les élèves dans les cours d'éducation physique.

MOTS CLÉS: Jeu, Jeu, Inclusion, Éducation physique.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo presentar las narrativas de aprendizaje de un alumno del curso de Educación Física en el contexto de la disciplina de Metodología de la Enseñanza de la Educación Física, que utilizó el juego y el juego para incluir a los alumnos en las clases de Educación Física. Por lo tanto, el supuesto teórico y metodológico son las narrativas del aprendizaje vivido. Así, las experiencias se narran con la intención de dilucidar el proceso de formación docente que convirtió al protagonista académico de su propio aprendizaje. En base a las experiencias vividas, se considera que el proceso de convertirse en maestro es una trayectoria inacabada que requiere una mejora constante. Que el juego y el juego cuando se usan de manera pedagógica pueden ser instrumentos para la inclusión de los estudiantes en las clases de Educación Física.

PALABRAS CLAVE: Juego, Juego, Inclusión, Educación Física.

RESUMO:

Esse texto objetiva apresentar as narrativas de aprendizagens de um acadêmico do curso de Educação Física no contexto da disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física, que fez uso do jogo e da brincadeira para inclusão dos alunos nas aulas de Educação Física. Para tanto, utiliza-se como pressuposto teórico e metodológico as narrativas das aprendizagens vividas. Assim sendo, narra-se as experiências com a intenção de elucidar o processo de formação docente que tornou o acadêmico protagonista de suas próprias aprendizagens. Com base nas experiências vividas, considera-se que o processo de forma-se professor se constitui em uma trajetória inacabada, que exige aprimoramento constante. Que o jogo e a brincadeira quando utilizados de forma pedagógica podem se constituir em instrumentos para inclusão de alunos nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS – CHAVE: Jogo, Brincadeira, Inclusão, Educação Física.